

## **INFORMAÇÃO E ARQUEOLOGIA: segredos do passado transcritos em suportes primitivos<sup>1</sup>**

**Ingrid Maria Luz Vergolino Zahlouth\***

**Rodrigo Oliveira de Paiva\*\***

### **Resumo**

Trata da relação existente entre informação e arqueologia. O artigo apresenta como objetivo a compreensão acerca da importância dos vestígios arqueológicos no desvendamento de segredos do passado do homem, na necessidade de conhecer suas origens e de onde ele veio tendo como subsídios as informações que podem ser transcritas dos suportes em que estão gravados os símbolos de civilizações antigas. O percurso metodológico adotado foi realizado através de uma pesquisa exploratória de caráter bibliográfico fundamentada em ideias de autores como Azevedo Netto (2008) e Barreto (2010), sem dispensar as opiniões de outros pensadores sobre o assunto abordado no trabalho. Finaliza entendendo a existência da ligação direta entre artefatos arqueológicos e a informação histórica, haja vista que o homem na antiguidade já possuía uma necessidade comunicacional e utilizou diversos meios para o estabelecimento desta, mas, além disso, as construções e outros elementos que ainda assombram essa temática, pela falta de informação acerca das sociedades primitivas, merecem ser estudadas buscando alcançar respostas para as indagações do passado histórico dos seres humanos. Acredita-se que foi dessas dúvidas mais afloradas que surgiram a arqueologia que vai debruçar suas atividades no passado a procura da origem das muitas identidades da humanidade.

**Palavras-Chave:** Informação arqueológica. Suportes de informação. Passado histórico.

---

<sup>1</sup> Comunicação Oral apresentada ao GT N° 06 – Tema livre.

\*Universidade Federal do Pará. Graduanda de Biblioteconomia e estagiária do Museu Paraense Emílio Goeldi. [ingrid.zahlouth@icsa.ufpa.br](mailto:ingrid.zahlouth@icsa.ufpa.br)

\*\*Universidade Federal do Pará. Graduando de Biblioteconomia, estagiário do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Ministério Público do Estado do Pará. [rodrigo.paiva@icsa.ufpa.br](mailto:rodrigo.paiva@icsa.ufpa.br)



## 1 INTRODUÇÃO

Nos tempos mais recuados, ou seja, na pré-história, o homem se comunicava com seus semelhantes através de grunhidos ou gritos, auxiliados sem dúvida por gestos ou por uma espécie de linguagem mímica, que persistiu mesmo depois que ele se tornou capaz de articular sons. Mas a linguagem e os gestos não eram suficientes para as necessidades comunicacionais do homem, que ainda na pré-história passou a recorrer aos desenhos ou gravuras para exprimir as proezas e os perigos vencidos. Isto representou um passo de extraordinária importância na evolução do homem, pois foi o seu primeiro esforço para tornar visível o pensamento e o sentimento de uma forma duradoura.

Muitos casos existiram no transcurso histórico da humanidade, desde as sinalações rupestres até as construções e artefatos arqueológicos mais recentes. Estes vestígios serão objeto de estudo deste artigo, que objetiva compreender a importância dos vestígios arqueológicos no desvendar de segredos do passado do homem, na necessidade de conhecer suas origens e de onde ele veio tendo como subsídios as informações que podem ser transcritas dos suportes em que estão gravados os símbolos de civilizações antigas.



## 2 INFORMAÇÃO

A informação é formada por um conjunto de dados que, por sua vez, são fragmentos do conhecimento humano. Existe em qualquer lugar, independente do tempo e das circunstâncias de seu surgimento.

A informação possui várias definições. Ela depende do processo que a produz, por isso se torna difícil definir esta palavra quando se a utiliza de forma isolada, adquirindo expressão somente ao ser adjetivada (informação jurídica, informação política, informação médica, etc.).

Lopes (1998, p. 22) afirma que:

O termo “informação” é repetido de modo exaustivo pelos meios de comunicação de massa assim como por pensadores de diversas áreas. Não é difícil notar algumas imprecisões e empréstimos na utilização desta palavra sem qualquer controle de pertinência. O substantivo informação é de natureza abstrata e para lhe dar um sentido preciso, deve-se segui-lo de um adjetivo. O senso comum dá a este termo um sentido mágico, fazendo referência a um mundo futuro onde a produção e a leitura das informações serão assumidas por máquinas misteriosas. As expressões “Sociedade da informação”, “era da informação” e “mundo da informação” são hoje, de uso corrente. Mas, é raro se encontrar uma definição satisfatória para esta palavra isolada; como nos casos do amor e do ódio, é preciso anexar-lhe algum qualificativo para revelar a sua natureza concreta.

Existem diferentes formas para ocorrer o fluxo informacional, dentre elas temos a comunicação, representativa de um meio circulatório de dados contendo conhecimento, que quando unidos adquirem um valor. Assim, a comunicação representa para a informação o mesmo que uma rodovia para carros, por exemplo, quanto mais bem tratada e organizada é uma rodovia no sentido de infraestrutura, mais facilmente ocorrerá o fluxo de veículos. Seguindo esta linha de pensamento quanto mais clara e objetiva for a comunicação, mais facilmente ocorrerá o fluxo de informações.

Araújo (1991 apud BREGLIA; RODRIGUES, 1995, p. 73) afirma que:

A comunicação da informação representa não somente a circulação de mensagens que contêm conhecimento com determinado valor para a produção de bens e serviços, mas também a objetivação das idéias de racionalização e eficiência dominantes na sociedade moderna.



Mais importante do que qualquer suporte, é a informação disseminada entre indivíduos. Nesta situação, quando a informação é transmitida oralmente podemos captar partes dela não encontradas na forma impressa. Por exemplo, a história de um povo pode ser transmitida, em muitos casos, somente através de relatos sustentados por uma rede de dados passados de geração para geração até ser escutada e entendida por indivíduos não pertencentes a esse povo que possam ter curiosidade na cultura deles. Muitas civilizações já desapareceram sem deixar nenhum relato de suas histórias por meio de símbolos. Notamos que não existe nenhum modo de armazenagem do conhecimento – produto de base da informação – mais eficaz do que a memória humana, porque independentemente da pessoa ela sempre irá armazenar fatos vivenciados ou não durante toda sua vida.



### 3 ARQUEOLOGIA

Em seus primórdios, por volta do século XIX a Arqueologia constituía pouco mais que uma técnica destinada à recuperação de materiais, artefatos históricos para a preservação e formação de coleções de peças raras a serem expostas em museus nacionais. Nesse período, o estudo dos vestígios coletados tinha como foco a demonstração da evolução cultural dos povos ditos “primitivos” até os “civilizados”. A partir do século XX, a Arqueologia deixa de ser apenas uma técnica de coleta e classificação de vestígios arqueológicos e, começa a se delinear como uma disciplina científica destinada à recuperação de processos de mudanças culturais no interior das sociedades primitivas, ganhando embasamento teórico e novas metodologias de pesquisa próprias, que a consolidaram mais tarde como a importante ciência humana e social que hoje representa.

De acordo com Amorim (2010, p. 21):

A arqueologia é uma prática científica diversificada, que atua no estudo das gravuras rupestres, vasilhas de cerâmica, entre outros vestígios arqueológicos repletos de simbolismo, que oferecem pistas sobre a vida e a cultura ancestrais. Ela é uma ciência que rompe a barreira do tempo para reconstruir o passado da humanidade com vistas ao entendimento da sociedade atual, usando como fonte de pesquisa objetos concretos produzidos pelas mãos do homem, deslocados do seu tempo e de sua utilização.

A arqueologia do século XXI vem a ser entendida como a ciência que estuda as sociedades humanas a partir de vestígios arqueológicos que estas deixaram no passado. Estes vestígios são caracterizados como artefatos de várias naturezas, construções, obras de arte, alterações no meio ambiente, etc. Sempre levando em consideração o simbolismo de cada tesouro arqueológico, inserindo-o em seu contexto histórico, para dessa forma interpretar o comportamento das antigas sociedades, traçando suas culturas e inferindo suas ideias. Sendo este processo realizado em torno da reconstituição do passado humano.

Diferentemente de outras ciências sociais, a arqueologia não tem acesso direto ao comportamento da sociedade que estuda, nem a documentos escritos deixados por ela. Suas pesquisas são baseadas em restos materiais como indicadores de atividades culturais de um determinado povo extinto, utilizando muitas vezes modelos de organizações elaborados pela antropologia. Sendo considerada também como a antropologia dos povos extintos, que tem



por objetivo a reconstituição das transformações sofridas nas sociedades primitivas ocupantes de um determinado lugar e tempo no espaço. (BARRETO, 2010).

Com o desenvolvimento de tecnologias a arqueologia vem passando por bruscas mudanças, onde na atualidade viagens de exploração são substituídas por radares, fotos em 3D. Hoje a versão Indiana Jones remontada ao perfil de um pesquisador aventureiro abre espaço para profissionais interdisciplinares utilizadores da chamada arqueologia 2.0. Obtém valiosas informações do passado *High-tech*.

Antes os primeiros arqueólogos se aventuravam na subida de morros para obterem perspectivas maiores dos locais pesquisados. Um tempo depois o uso de aviões tornou-se mais viável nessas pesquisas com a capturação de fotos, um exemplo são as linhas de Nazca no Peru que foram localizadas dessa forma.

Além disso, até mesmo tecnologias 3D estão sendo empregadas para reconstruir e preservar digitalmente vestígios, como por exemplo, a tumba do faraó Tutancâmon.

O arqueólogo é como um detetive do passado que tem uma busca incessante por pistas que o aproxime de uma resposta para suas indagações. Para isso o arqueólogo deve ir atrás de fontes históricas que muitas vezes pedem ser escritas ou pintadas e até mesmo esculpidas. Algumas dessas fontes muitas das vezes não tiveram sua origem para servir de testemunha do passado, mas não é por isso que se deve desconsiderá-las. O historiador deve tomar cuidado com as verdades absolutas, pois o mesmo fato pode ser interpretado de várias maneiras, de acordo com o interesse de quem narrou tal fato ou até mesmo de quem leu. O conhecimento histórico se estrutura numa constante indagação a essas fontes. (BLOCH. 2001, p. 70).

O arqueólogo é o profissional responsável pelo estudo do túnel do tempo, por realizar o elo entre o passado e o presente a partir da coleta de informações que servirão de subsídio para a atualidade e criarão perspectivas para o futuro. O resgate e conservação de culturas humanas é uma das funções incumbidas a este profissional por intermédio de vestígios materiais depositantes da memória de um povo (AMORIM, 2010).



#### 4 VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS COMO FONTES DE INFORMAÇÃO

"Agarra tua cabeça, recolha teus ossos, reúna teus membros, sacuda o pó da tua carne! O guardião aproxima-se de ti, toma tua mão e te conduz ao céu."

Texto em pirâmide do Antigo Império Egípcio

Desde o passado mais remoto o homem sempre teve curiosidade em responder suas indagações mais profundas com relação ao seu próprio passado, suas dúvidas em saber quem ele é e de onde veio, sempre existiram. Segredos de um passado sem respostas aparentes ainda hoje permanecem no imaginário popular.

No decorrer dos séculos observa-se o aumento progressivo das necessidades humanas em estudar o seu histórico com vias a responder perguntas do presente e projetar soluções para o futuro. Essa inquietação se mostrou mais visível no momento em que a sociedade passou a ter uma visão diferenciada acerca dos indícios de seus antecessores.

O homem durante sua existência sempre sentiu a necessidade de conhecer suas origens e de onde ele veio. Com o passar do tempo essa necessidade foi se tornando cada vez mais intensa e o pouco conhecimento que tinha de si já não era o bastante para o homem. (PENA; SILVA, 2008, p. 85).

O estudo do passado humano pode ser realizado com o uso de suportes onde foram depositados indícios das atividades primitivas de sociedades pretéritas. Convém analisar profundamente os vestígios, pois esses suportes são aglutinadores de ricas informações acerca das culturas, das atividades, das crenças e de tantos outros nuances.

Nesse contexto vale ressaltar o significado de um suporte informacional com o intuito de melhor compreender este material empregado nos estudos arqueológicos.

Suporte de informação pode ser entendido como o registro de informações em materiais, com as ações, rotinas e conhecimentos do homem criados desde seus primórdios. Esses suportes são produzidos com o objetivo de transmitir os pensamentos, expressões do indivíduo para as futuras gerações. Sendo elaborados por meio de diversos tipos de materiais, tais como: a argila, a madeira e as pedras (FARIAS et al, 2010).



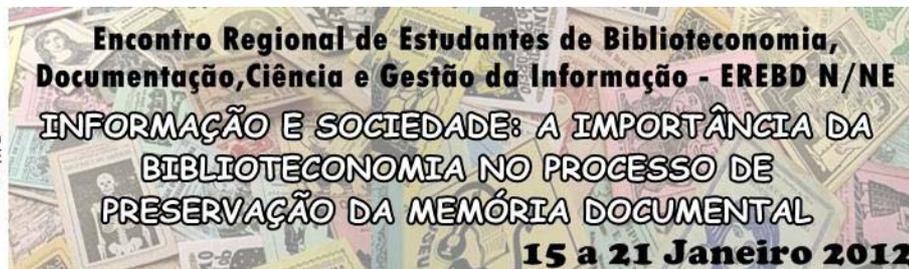
Os suportes auxiliam na compreensão acerca da formação de identidades culturais de povos diversos. Na abordagem científica da arqueologia, estes materiais estão impregnados de conteúdos informacionais à espera de possíveis interpretações para a reconstrução de histórias perdidas. Nesse contexto destaca-se a função relevante dos vestígios arqueológicos no resgate da memória social.

[...] a memória pode ser caracterizada como sendo a capacidade humana de registrar fatos, e estes, serem transmitidos às gerações futuras através de variados suportes (pinturas, artefatos, textos, costumes, tradições, histórias, dentre outros.). Assim podemos afirmar que os suportes e formas de escrita, leitura e escrita são formas de preservar e comunicar a memória e história de um povo para que esta seja divulgada e disseminada para a posterioridade. Visto que tais aspectos estão intrinsecamente relacionados a cultura de um povo ou nação. (FARIAS; NOGUEIRA; SANTANA, 2010, não paginado).

Estudar o passado é uma ação que não pode ser realizada diretamente, mas somente de forma mediada por meio de vestígios da atividade humana, ao que é atribuído o nome de fontes de informação históricas. Sendo essas fontes classificadas de acordo com vários pontos de vista, mas neste trabalho serão abordadas apenas as fontes materiais e iconográficas. Os vestígios materiais produzidos pelo homem podem ser personificados como fontes arqueológicas, tais como os instrumentos de trabalho, construções, moedas, entre muitas outras.

[...] artefatos são considerados fonte de informação do comportamento de grupos que os utilizaram pela recuperação desses dados, descrever e entender os comportamentos humanos no passado, já que cada atributo observado nos artefatos equivale a uma expressão fóssil de uma ação ou conjunto de ações, que acaba por expor determinada forma de comportamento, o que leva a considerar um sistema cultural em que há a transferência da informação de condutas, crenças, valores e modos de fazer. Assim, o conjunto de objetos recuperados pelo arqueólogo, parte da cultura material, é um segmento significativo de um sistema cultural mais amplo. (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 7).

Após observar a importância que os suportes informacionais demonstram para a arqueologia, por serem ricas fontes de informação e objetos de estudo da arqueologia, chega-se então, à inevitável relação entre arqueologia e as ciências que possuem a informação como objeto de estudo central.



A relação entre a arqueologia e as disciplinas que tratam com a informação, científica ou não, não é recente; em sua origem, a arqueologia vincula-se aos gabinetes de antiguidades onde o exótico, valioso e extraordinário tomava a atenção dos interessados. Com a evolução das teorias e métodos da arqueologia, a faceta do arqueólogo aventureiro é desgastada pelo acúmulo de conhecimento produzido e uma nova relação se dá com a instituição que surge dos gabinetes de curiosidades, que são os museus, onde este pesquisador encontra um local propício para abrigar suas pesquisas, quando a arqueologia passa a integrar os espaços da academia. (AZEVEDO NETTO, 2008, p. 7).

Os vestígios arqueológicos não são considerados textos, mas se analisadas as suas histórias, é possível descobrir evidências produzidas pela sociedade, haja vista que criam informações relevantes para o conhecimento.

Em suma, o fato de esses vestígios absorverem, armazenarem e transferirem informações os torna nada mais que verdadeiros documentos. Sendo assim, é quase impossível que a abrangência do significado desse substantivo passe despercebida.

Um documento é tudo aquilo que funciona como comprovação de um fato: qualquer signo concreto ou simbólico, conservado ou gravado, com finalidade de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual [...] uma estrela é um documento? Um eixo levado pela torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos as fotografias e os catálogos das estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos num Zôo. (BRIET, 1970 apud OLIVEIRA, 2008, p. 12).

Verifica-se que a autora mostra uma conceituação abrangente para o termo documentação, levando em conta as informações que o circundam. É pertinente destacar que Tessitore (2003, p. 11) define documento a partir da inovação trazida por Briet indo além da ideia antes estreitada por uma ligação da palavra documento como um sentido de prova ou mesmo ensino:

A experiência humana em sua imensa diversidade tem produzido e acumulado um grande número de registros que a testemunham e indicam os caminhos trilhados, possibilitando o seu conhecimento e reavaliação. Esse conhecimento é essencial para que cada pessoa, segmento social ou instituição, individual ou coletiva, na sociedade em que vive. Esses registros da atividade humana, em toda a sua complexidade, constituem o que chamamos de documento, definido tecnicamente como o conjunto da informação e seu suporte.

O conhecimento que a arqueologia reúne sobre a história e o acúmulo de vestígios são traços dos modos de vida de toda uma sociedade pretérita. Esses homens deixaram



diversos indícios de sua existência em vários locais com culturas e crenças distintas, assim comenta Barros (2004, p. 10) sobre a evolução do homem e as marcas que ele deixou:

Com o passar do tempo o homem se aprimorou em muitas coisas, se espalhou por vários continentes, se comportou de várias formas diferentes, acreditou em coisas diferentes, assumiu para si a devoção de vários deuses ou mesmo um só. Isso fez com que ele se tornasse mais complexo no seu modo de viver, de encarar o mundo que o cercava.

É importante ressaltar neste momento alguns exemplos de fontes de informação existentes a partir de vestígios arqueológicos no intuito de melhor identificar a relevância destes para a história, tais como: sinalações rupestres, geoglifos e construções antigas. Para a melhor compreensão deste trabalho elencam-se brevemente alguns indícios considerados famosos e marcantes pelo assombramento e dúvidas existentes em torno de suas origens.

As sinalações rupestres são resultados das ações humanas representadas iconograficamente nas paredes das cavernas onde os chamados trogloditas habitavam, com fins ritualísticos de seu cotidiano. Os desenhos eram feitos com os instrumentos de que dispunham: faca de pedra, pontas de lanças ou flechas, ossos e chifres, etc. Até hoje os desenhos rupestres representam uma incógnita para pesquisadores de arqueologia e áreas afins, que necessitam desvendar o significado dos símbolos gravados nas rochas, para conhecer um pouco mais sobre o passado desses povos. Alguns exemplos famosos podem ser mencionados: a caverna de Altamira na Espanha, Monte Alegre em Santarém (PA) e a Serra da Capivara no Piauí.

Os geoglifos caracterizam figuras de grande extensão, desenhadas em sua maioria em solos rochosos, podendo ser vistas apenas de grandes alturas. Tendo em vista essa característica do solo é possível entender o porquê de muitos desses vestígios não terem desaparecido com as ações da natureza ao longo do tempo, sendo perceptíveis até hoje. Um exemplo bastante conhecido e intrigante são as linhas de Nazca no Peru. Essas linhas são encontradas no deserto Peruano e representam extensas figuras de animais, plantas e humanoides. Muitas indagações foram levantadas a respeito do modo como elas poderiam ser observadas por quem as criou. A significação dessas criações permanece desconhecida.

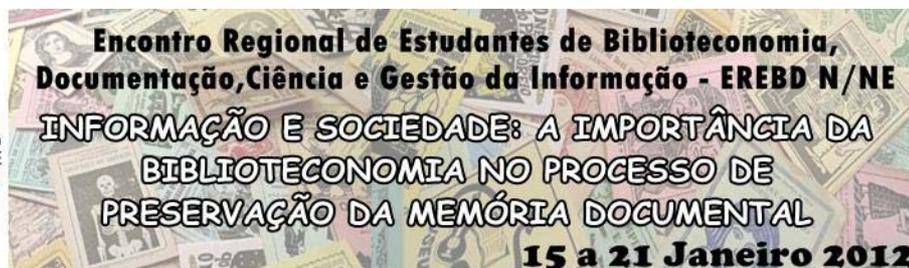


O aspecto mais intrigante dessas obras gigantescas é que muitas delas não podem ser vistas em sua completude no nível do solo; adquirem forma reconhecível apenas a certa altitude. Por que foram construídas e a quem se destinaram? Este mistério há anos confunde arqueólogos e pesquisadores. (TIME-LIFE..., 1991, p. 111).

Construções também são consideradas vestígios da arqueologia, podendo ser inferidos por meio delas muitos traços de um passado removido. Dois exemplos famosos de construções primitivas foram destacados para exemplificar este momento do trabalho, tais como: as pirâmides do Egito e as construções Maias no México.

As pirâmides do Egito foram construídas por soberanos obcecados pela imortalidade. Estas são símbolos de impressionantes monumentos da história humana que fascinam viajantes nos planaltos de Gizé onde se deparam, com a mais famosa delas, a pirâmide de Quéops. Essas construções imitavam os raios que desciam do deus-sol Ra, como se fossem raios solares em pedra. No interior destes imponentes monumentos, tem-se o túmulo dos soberanos preocupados em ascender a uma vida posterior e imortal ao lado dos deuses idolatrados por sua civilização.

Os indícios Maias em muito se parecem com os Egípcios destacando-se as construções em forma piramidal com caráter místico e repleto de simbologias ritualísticas, tais como foram evidenciadas no Egito. Além disso, o interior destas era repleto de gravuras semelhantes às inscrições nas pirâmides egípcias. Enfatiza-se até mesmo o famoso calendário Maia talhado na pedra com um objetivo que vai além da datação temporal, servindo de base para a tão surpreendente profecia do apocalipse.



## 5 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi composta por um conjunto de etapas e procedimentos, contando basicamente com uma pesquisa descritiva documental e bibliográfica, de caráter impresso e eletrônico dando origem a uma revisão de literatura para compor o presente estudo.

A revisão de literatura visa reconhecer e dar crédito à criação intelectual de outros autores é uma questão de ética acadêmica, através dela abre-se um espaço para evidenciar que seu campo de conhecimento já está estabelecido, mas pode e deve receber novas pesquisas; ou ainda, emprestar ao texto uma voz de autoridade intelectual. Através da revisão de literatura, reporta-se e avalia-se o conhecimento produzido em pesquisas prévias, destacando-se conceitos, procedimentos, resultados, discussões e conclusões relevantes para seu trabalho.

Os capítulos tiveram por objetivo apresentar uma revisão teórica no que diz respeito aos conceitos de informação, arqueologia e posteriores estudos sobre o papel dos vestígios arqueológicos como fontes de informação.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados entende-se com este artigo a importância dos vestígios arqueológicos enquanto ricas fontes de informação principalmente no que diz respeito à comprovação da existência de diversas civilizações em regiões do globo, povos civilizados e até mesmo fortes e organizados, detentores de culturas de distintas, que hoje já não mais existem, mas que deixaram heranças muito valiosas para a humanidade em matéria de conhecimento.

Torna-se geral a crença na existência desses povos, fatos que levam a pertinentes indagações que frequentemente permeiam o imaginário humano com fantasiosas suposições passando por mitos, crenças, culturas e até mesmo questões ufológicas.

A linha de estudo adotada teve por objetivo ressaltar a importância dos vestígios arqueológicos como tipos de documentos com relevantes informações acerca do passado humano. Buscando explicitar a relação existente entre informação e arqueologia, tendo em vista que os indícios resgatados por essa ciência caracterizam documentos de grande valor histórico que precisam ser disseminados.

Por fim, estudar informações oriundas das sociedades passadas não se trata apenas de um instrumento de crescimento intelectual humano ou ainda um fator determinante de compreensão do comportamento de civilizações, mas principalmente se trata de contribuir para a visualização de novas fontes de informações ocultas que precisam ser enxergadas com mais valor: os vestígios arqueológicos.



## REFERÊNCIAS

AMORIM, Lilian Bayma de. **Cerâmica marajoara: a comunicação do silêncio**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Preservação do patrimônio arqueológico: reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 37, n. 3, set./dez. 2008, p. 7-17. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n3/v37n3a01.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2011.

BARRETO, Mauro Vianna. **Abordando o passado: uma introdução à Arqueologia**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

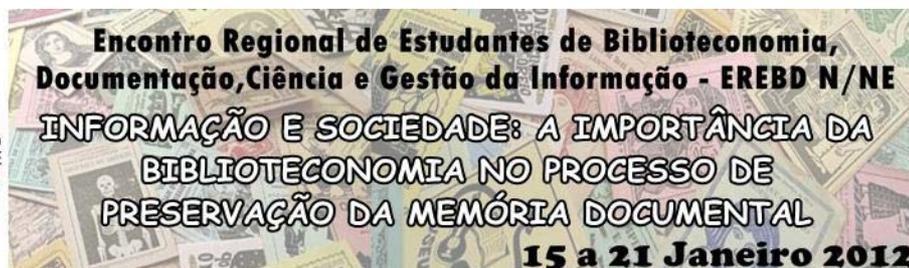
BREGLIA, Vera Lúcia Alves; RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. A formação dos profissionais bibliotecários e a questão da transferência da informação. In: \_\_\_\_\_. **A informação: questão e problemas**. Niterói: EDUFF, 1995. p. 69-92. (Série Estudos e pesquisas, 1).

FARIA, Karla Meneses et al. A história dos registros do conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <[dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/104/111](http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/104/111)>. Acesso em: 10 out. 2011.

FARIAS, Karla Meneses; NOGUEIRA, Valeska Paulino; SANTANA, Wigna Farias. **Memória e patrimônio: Memorial da Justiça do Trabalho Estado do Ceará**. 2010. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO, E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2010. Disponível em: <<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/viewFile/161/105>>. Acesso em: 23 jul. 2011.

LOPES, Luís Carlos. **A imagem e sombra da arquivística**. Rio de Janeiro; Montreal: Arquivo público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.

OLIVEIRA, Gláycy Raimunda Cardoso de. **A informação na moda: uma leitura da idumentária feminina na sociedade contemporânea**. 2008. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.



PENA, M. G; SILVA, A. C. A digitalização de documentos históricos e a gestão eletrônica de documentos para disponibilização online. **Revista eletrônica do CESVA**, Valença, v. 1, n. 1, p. 85- 102, mar./ago. 2008. Disponível em: <[www.faa.edu.br/revista/v1\\_n1\\_art05.pdf](http://www.faa.edu.br/revista/v1_n1_art05.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2011.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. Disponível em: <[http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto\\_pdf\\_18\\_Como%20implantar%20centros%20de%20documentacao.pdf](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/saesp/texto_pdf_18_Como%20implantar%20centros%20de%20documentacao.pdf)>. Acesso em: 21 ago. 2011.

TIME-LIFE BOOKS. **Lugares místicos**. Rio de Janeiro: Abril, 1991. (Coleção Mistérios do desconhecido).